



A Mentalidade Anticapitalista

Ludwig von Mises

Posfácio de Bettina Bien Greaves

Tradução de Carlos dos Santos Abreu

São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010. (125 páginas)

ISBN: 9788562816147

.....

O economista Ludwig von Mises (1881-1973) é uma das personalidades mais importantes do pensamento liberal, com contribuições nos mais diversos campos do saber, tais como a própria Economia, além da Epistemologia, da Sociologia, da Filosofia e da Ciência Política. Falar sobre a contribuição intelectual desse brilhante autor certamente não caberia em um artigo, ou talvez sequer em um livro, embora autores como Murray N. Rothbard (1926-1995)¹, além de Hélio Beltrão, Rodrigo Constantino e Wagner Lenhart² tenham arriscado realizar tal projeto. Expor criticamente apenas uma de suas obras se mostra uma tarefa menos complexa, embora não menos árdua, como é o caso do livro *A Mentalidade Capitalista*, que transita entre a Sociologia, a Psicologia, a História e a Economia na busca pela resposta à seguinte pergunta: por que grande parte das pessoas rejeita o capitalismo?

A razão de ser desta pergunta está assentada no fato, exposto pelo próprio autor (p. 11) que “a economia capitalista multiplicou os índices populacionais e elevou de maneira sem precedentes a média do padrão de vida”, principalmente em razão da solidez das instituições baseadas na propriedade

privada³, no aumento da produtividade em razão da divisão e especialização do trabalho⁴, na descentralização como melhor forma de captar os anseios e desejos dos indivíduos⁵ e na impossibilidade do cálculo econômico planejado⁶, fenômenos já tão bem estudados em âmbito acadêmico.

Além da academia, a própria observação prática corrobora esta visão, a ponto do filósofo e economista Francis Fukuyama⁷ declarar em livro famoso, escrito pouco tempo após a extinção da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que a democracia liberal capitalista seria o modelo sócio-econômico definitivo. Restou claro para o mundo que o modelo de produção socialista

³ Ver: LOCKE, John. **Dois Tratados sobre o Governo**. Ed., intr. e notas de Peter Laslett; Trad. Julio Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Ver, também: ACEMOGLU, Daron & ROBINSON, James A. **Por que as Nações Fracassam**. Trad. Cristiana Serra. Rio de Janeiro: Campus Elsevier, 2012.

⁴ Ver: RICARDO, David. **Princípios de Economia Política e Tributação**. Apres. Felipe Macedo de Holanda; Trad. Paulo Henrique Ribeiro Sandroni. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

⁵ Ver: HAYEK, Friedrich August von. **O Uso do Conhecimento na Sociedade**. Trad. Philippe A. Gebara Tavares. **MISES: Revista Interdisciplinar de Filosofia, Direito e Economia**, Vol. I, No. 1, jan.-jun. 2013: 153-62.

⁶ Ver: MISES, Ludwig von. **O Cálculo Econômico sob o Socialismo**. Pref. Yuri N. Maltsev; Intr. Jacek Kochanowicz; Trad. Leandro Roque. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2012.

⁷ FUKUYAMA, Francis. **O Fim da História e o Último Homem**. Trad. Aulydes Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

¹ ROTHBARD, Murray N. **O Essencial von Mises**. Trad. Maria Luiza Borges. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 3ª ed., 2010.

² BELTRÃO, Helio ; CONSTANTINO, Rodrigo ; LENHART, Wagner. **O Poder das Ideias: A Vida, a Obra e as Lições de Ludwig von Mises**. Porto Alegre: IEE, 2010.

não consegue chegar sequer perto dos níveis de produção do sistema capitalista.

Exposto o porquê da perplexidade, o autor começa a perquirir as razões da existência de uma mentalidade anticapitalista, dividindo o livro em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, “As Características Sociais do Capitalismo e as Causas Psicológicas do seu Descrédito”, algumas razões de ordem social e psicológica já são apresentadas, tais como:

1ª) No capitalismo, para o indivíduo enriquecer ele deve se subordinar e satisfazer a vontade dos consumidores, seus semelhantes (p. 18);

2ª) Não atingir o nível de vida desejado está intimamente ligado às suas próprias falhas como fornecedor de produtos e serviços, não havendo uma desculpa externa que justifique seu fracasso, tal como a estratificação social do Antigo Regime (p. 19);

3ª) O trabalho dos intelectuais, que ajudam a formar o pensamento político nacional, é invariavelmente pouco remunerado, e eles usam de sua influência na formação do indivíduo para minar o sistema que possibilita sua própria existência (p. 23);

4ª) De um modo geral, a inveja de trabalhadores e familiares que viram seus amigos, colegas e parentes terem as mesmas oportunidades e, no entanto, serem mais bem sucedidos (p. 25);

5ª) A exploração mercadológica desse sentimento de inveja por parte da indústria do entretenimento para fins de obtenção de lucros (p. 30).

Embora o capítulo seja bem escrito, como não poderia deixar de ser, a argumentação exposta parece ter um leve tom pueril, e até mesmo pedante, endeusando um sistema capitalista que não é perfeito porque também falha em coordenar desejos de produtores e consumidores. Nunca é demais lembrar que a coordenação de informações não é plenamente otimizada em um livre-mercado, mas sim tendente a uma ordem mais ética e útil através da lógica mercadológica do voluntarismo e da descentralização do que à ordem antiética e pouco útil que é a característica

natural da lógica estatal da violência e da centralização.

O segundo capítulo, com o título “A Filosofia Social do Homem Comum”, é, certamente, o que nos causa maior desconforto. Dentro de uma perspectiva epistemológica, Ludwig von Mises renega por completo sua mais brilhante contribuição para a ciência, o método praxeológico⁸, e retorna ao método *verstehen* de Max Weber (1864-1920), justamente aquele que se buscou superar. Essa afirmação merece um maior esclarecimento.

Em outro trabalho⁹, explicamos que o grande sociólogo alemão Max Weber defende um método de pesquisa na ciência sociológica que parte da análise do comportamento e da vontade do indivíduo humano, pois o homem não seria um produto do seu meio, mas sim o meio que é um produto do homem, passando o ator social a ser o sujeito da pesquisa social, e não somente seu objeto. Esse caminho, o *verstehen*, tem, no entanto, uma clara limitação: é impossível para o observador, cientista social, entender quem é esse sujeito, suas vontades e características individuais, simplesmente porque indivíduos são sujeitos únicos e com vontades e características absolutamente distintas. Então Max Weber se utiliza de ficção, ainda que baseado em alguma observação, para construir um modelo médio do indivíduo a ser analisado, que Weber convencionou chamar de “tipo-ideal”¹⁰. Só que esse “tipo-ideal” não deixa

⁸ Ver: MISES, Ludwig von. **Ação Humana: Um Tratado de Economia**. Trad. Donald Stewart Jr. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 3ª Ed., 2010.

⁹ SANTORO, Bernardo. **Crítica Praxeológica ao Individualismo Metodológico de Max Weber: Por um Individualismo Metodológico Extremo**. Trabalho de conclusão da disciplina “Sociologia Jurídica”, linha de pesquisa de Teoria e Filosofia do Direito, apresentado na Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Direito. Rio de Janeiro, 2012.

¹⁰ Sua mais famosa obra, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (São Paulo: Martin Claret, 2001), é totalmente construída a partir de um “tipo-ideal” de homem protestante imaginado pelo autor, que poderia ou não se refletir na realidade concreta.

de ser uma lenda, desconectado da realidade concreta e repleto de características criadas pelo próprio cientista, que deveria ser a priori isento na sua análise, ferindo de morte a sua suposta imparcialidade.

Mises parte da acertada visão do individualismo metodológico weberiano e a radicaliza, depurando os erros epistemológicos cometidos na *verstehen*. Se a construção do “tipo-ideal” é carregada de subjetivismo e parcialidade, então ela passa a ser evitada em prol de um “tipo-real” de indivíduo, que só pode ser analisado a partir de axiomas irrefutáveis acerca do seu comportamento e de onde poderiam ser deduzidas novas verdades também irrefutáveis através do exercício da lógica. Esse individualismo metodológico extremo, neutro e objetivo é a praxeologia, e superou por completo o *verstehen* no estudo da verdade social.

No entanto, no segundo capítulo do livro *A Mentalidade Capitalista*, Mises resgata o individualismo metodológico falho de Weber, ao basear todo o texto na construção de um “tipo-ideal” da época, chamado por ele de “homem comum”. O professor austríaco argumenta que o “homem comum” é um indivíduo que não conseguiu entender as transformações benéficas e os fundamentos básicos do modelo capitalista de produção e distribuição de bens e serviços (p. 33), vindo a entender que a melhoria do seu padrão de vida seria inerente ao progresso social natural, e não às instituições políticas típicas do liberalismo. Argumenta ainda que as ideias de Karl Marx (1818-1883) foram mais bem assimiladas por esse “homem comum” do que as ideias liberais porque elas seriam uma síntese do pensamento dessa personagem, revestidas com linguagem de pseudo-ciência (p. 34).

Ora, mas que “homem comum” é esse? De que axioma irrefutável Mises teria extraído a ideia de que o “homem comum” é não somente intelectualmente limitado, mas também avesso ao conhecimento? Resta evidente que o “tipo-real” da praxeologia foi abandonado em prol da construção desse lamentável “tipo ideal weberiano” de “homem

comum” que não tem nenhuma base científica e ainda está carregado de preconceitos. Esse capítulo é um prato cheio para que um intelectual de esquerda mediano possa acusar Mises de elitista e soberbo.

O terceiro capítulo, “A Literatura sob o Capitalismo”, como o próprio título sugere, narra o modo como autores e intelectuais socialistas usam a estrutura de mercado do capitalismo para promover ideias anticapitalistas (p. 41). Embora a maior parte do capítulo pareça ser apenas um meio encontrado pelo autor de extravasar uma frustração interna, encerra uma crítica relevante: a de que intelectuais liberais não sabem – ou não sabiam – usar com eficiência dos meios de mercado para fazer prevalecer as suas boas ideias, o que é uma grande ironia. Essa reclamação, no entanto, parece estar fadada à desatualização, pois o movimento liberal contemporâneo tem usado as novas mídias digitais para disseminar suas ideias sem pudor e sem moderação, seja no Brasil ou no exterior.

O quarto capítulo é, indubitavelmente, o melhor do livro. Em “As Objeções Não-Econômicas do Capitalismo”, Mises supera sua arraigada ética utilitarista e traz ao debate uma discussão moral deontológica sobre o tema (p. 57), o que é algo raro ao longo de sua carreira. Confronta o argumento de que o capitalismo é materialista (p. 58), ao demonstrar que é a riqueza que garante aos homens o conforto e o tempo para se dedicarem a causas sociais e até espirituais. Descarta a acusação de que é injusto (p. 61), ao mostrar que nenhum outro sistema é mais justo, por distribuir riquezas de acordo com um sistema livre e voluntário. Demonstrou que foi o sistema liberal que aboliu o sistema anterior de castas e deu verdadeira liberdade ao homem (p. 67). Em suma, derrubou várias falácias da moralidade socialista e deu aos leitores a sensação de que foi uma lástima o autor não ter se dedicado mais a esse tema.

No último capítulo, “Anticomunismo versus Capitalismo”, o autor exorta seus leitores a praticar uma conduta positiva em defesa da ética e da utilidade do capitalismo

na vida social a partir de uma agenda real e propositiva (p. 77), em revés a uma atitude negativa e derrotista que Mises julga acometer a maioria dos liberais de sua época.

Vamos fazer coro com o grande mestre Ludwig von Mises e bradar: à luta em defesa da vida, da liberdade e da propriedade! ∞

Bernardo Santoro

Bacharel em Direito e Mestre em Filosofia do Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Mestrando em Economia na Universidade Francisco Marroquín
Professor de Análise Econômica do Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Diretor-Executivo do Instituto Liberal do Rio de Janeiro (IL)
Bernardo@institutoliberal.org.br